

A Plendor, meu rei e velho amigo, cujo desejo de conhecer Uriath jamais se apagou. Recordo nossas conversas, em que sonhavas com terras distantes. Não pudeste partir, mas eu fui por ti. Neste relato, trago um fragmento daquele sonho — para que o vivas através destas palavras.

Era uma estrada antiga, ferida pelo tempo e pela negligência. Por ela, já passaram exércitos, comércios, amantes e fugitivos. Mas agora, tudo o que restava eram marcas de rodas esquecidas e pedras soltas que saltavam sob a carroça como se tivessem vontade própria. A cada solavanco, Gergul emitia um gemido quase teatral, como se esperasse que a terra tivesse piedade só por ouvir seu sofrimento.

— Que estrada horrível! — disse ele, levando a mão ao traseiro como quem se despede da dignidade.

O cocheiro era um homem de muitas camadas, todas elas rudes. Sua pele era como couro batido pelo vento, o nariz torto por alguma briga antiga e a barba — uma floresta cinzenta — escondia um queixo sempre retesado. Gergul não tinha paciência para nada, exceto para resmungar. Já cruzara trilhas piores, rios traiçoeiros, montanhas em que o ar se recusava a entrar no peito — mas nada disso o impedia de reclamar da mais simples pedra fora do lugar.

Amidála, encostada à lateral da carroça, ofegava. O calor da tarde colava as vestes ao seu corpo e fazia seus olhos se estreitarem, não por cansaço, mas por raiva contida. Ela era jovem, mas o tipo de juventude que carrega nos ombros o peso de quem já viu demais. E naquela tarde, o calor pesava mais que a idade.

— Senhor, pode parar um pouco? Está muito quente.

— Detesto quando você me chama de senhor! Assim eu me sinto um velho! — rosnou Gergul, ajeitando o chapéu como quem tenta esconder os anos que o sol já havia contado em sua pele.

Nove luas haviam passado desde nossa partida. E Danfim, o destino prometido, ainda era apenas um borrão no horizonte — uma miragem travestida de esperança. A estrada, esquecida por reis e deuses, serpenteava como uma cicatriz pela terra ressequida. Os campos ao redor, outrora férteis, agora estavam queimados pela seca e pela indiferença dos céus. Nem mesmo os corvos ousavam cantar por ali. E quando o silêncio era quebrado, era apenas pelas rodas da carroça ou pelo ranger cansado de nossos próprios pensamentos.

O ar era tão seco que cortava. Os lábios rachados se abriam em feridas, o suor não servia mais para refrescar — apenas para lembrar que ainda havia calor suficiente para nos ferir. Até os pensamentos, esses traidores íntimos, pareciam murchar sob o sol. E tudo o que tínhamos era um cantil meio cheio, ou meio vazio — e um ao outro, que às vezes era mais fardo do que companhia.

— Vamos, Gergul. A garota tem razão. Eu não aguento mais.

— Ben, vê se presta pra alguma coisa e olha quanta água nos resta.

Esse era Filemon. O pragmático da dor. Nunca entendeu por que se registrar histórias importava — para ele, viver já era castigo suficiente. E, de certo modo, eu o compreendia. Afinal, escrever é o último refúgio dos que não têm espada.

Mesmo assim, obedeci. Ben Afkael sempre obedecia. Não por subserviência, mas porque aprendera que há batalhas que se vencem calando. Verifiquei os cantis. Um deles ainda estava pela metade, o outro vazio como nossas esperanças naquela tarde. Era tudo o que nos restava entre o calor e o fim.

Nosso cavalo, Vento, que um dia relinchara como trovão, agora era apenas um suspiro de animal. Seu andar arrastado parecia um lamento, e

seus olhos denunciavam a exaustão de quem já não sonha em chegar. Um nome poético demais para um corpo que mal caminhava.

— Minhas pernas estão doendo, Gergul. Vamos parar. Só por um momento... — Amidála insistiu mais uma vez.

— Vocês não têm noção do que é dor! Não podemos parar ou então...

Ele calou. Todos calamos.

Éramos cinco. Agora, apenas quatro.

A missão anterior...

A floresta de Tirgwood, tão viva quanto perigosa, foi o começo do fim. Aquelas árvores altas, sempre molhadas, sempre murmurantes, pareciam nos observar com uma malícia ancestral. Os galhos se entrelaçavam como dedos prontos para nos agarrar. E as trilhas... ah, Plendor, as trilhas mudavam de lugar enquanto andávamos. Nunca sabíamos se estávamos indo para frente ou voltando ao começo.

Diziam que ali jazia um artefato antigo, poderoso o suficiente para enganar a morte. Roubaram-no de um império longínquo, e ele foi parar nas entranhas daquela floresta. Agora, o destino cruel decidira que só esse artefato poderia curar a princesa — uma enfermidade sem nome a consumia, como se a própria vida a estivesse abandonando por capricho.

Caminhamos, lutamos, sangramos.

Lá estava a caverna, um rasgo escuro no coração da floresta. E dentro dela, o dragão. Não um monstro qualquer, mas uma criatura que

fazia o tempo parecer pequeno. Seus olhos ardiam com o brilho de eras esquecidas. Não ousamos enfrentá-lo. Apenas corremos. Fugimos como podíamos. Mas Nuaria Von Kerk...

Ela ficou.

Talvez para dar-nos tempo. Talvez porque quis lutar. Talvez porque teve medo. Nunca saberei. Seu grito ainda me rasga à noite.

— Dá pra calar a boca? — rosnou Filemon. — Ninguém quer lembrar disso agora, cara.

A dor também é história, eu pensei. Mas não disse. Nem sempre a verdade encontra ouvidos prontos.

Filemon se levantou com a mesma urgência de quem está prestes a socar o mundo. E tropeçou. O tombo foi pequeno, mas o vexame, enorme.

— Ai, cara! Qual o seu problema?!

— Por que você fez isso, Filemon?! Calma! — Amidála correu, sempre ela, como se pudesse apagar incêndios com um sopro.

— Me proteger? Você acha mesmo que precisa me proteger, Amidála? Vai fazer o quê, Ben? Vai escrever sobre mim como se fosse só mais um personagem? Você é patético!

Ele chorava. Não de raiva, mas de cansaço. Chorava por Nuaria, por si mesmo, por estarmos ali — vivos demais para sermos fantasmas, mortos demais para sermos homens inteiros.

— Cala a boca, Ben... por favor... — Amidála disse, sem força, sem dureza. Apenas como alguém que precisa que o mundo fique em silêncio por um instante.

— Tudo bem... me desculpe — eu respondi. Minha pena pesava tanto quanto uma espada, mas não servia para defender ninguém.

Nos sentamos em silêncio. O tipo de silêncio que não se deve perturbar. E por um momento, todos nós olhamos o horizonte — não por esperança, mas porque não tínhamos mais coragem de olhar uns para os outros.